



David Capelenguela *

A travessia da imagem-tempo e poesia no modo de produção lírica de Ruy Duarte de Carvalho, a alusão filmica fixada nos olhos, nas imagens e nos sons, deixa o leitor perplexo e encantado, sem poder agir: suspensão do tempo diante do gesto que se quer mitopoético.

Para mim, reler a poesia de Ruy Duarte de Carvalho, é como não estancar a permanente poética da oralidade, já que, a sua competência, que une a voz à letra, é uma forma de narrativa oral, cuja marca é o carácter ficcional. Essa característica que o põe em oposição a outros fazedores não rurais do ofício, é um contrato referente à vida e intimidade das pessoas reais e actuautes da comunidade. É a narrativa que retoma os mitos fundadores e os segredos das relações da educação de ofícios. Portanto, é uma reelaboração com os ritos de iniciação, já que, por si só, ritualizam simbolicamente os mitos.

De volta à releitura da vasta obra do poeta, antropólogo e cineasta angolano Ruy Duarte de Carvalho, na nossa revisitação de hoje, optaremos pela breve análise do livro "Sinais misteriosos... Já se vê...", porque é nesta que a questão do olhar mítico se ressignifica. Nessa obra, a paisagem da arte poética é marcada pelo mito, sonho e poesia. Nesse sentido, olhar a paisagem parte de uma experiência primeira da física-óptica da luz. A questão do duplo e da inversão das imagens espelhadas manifesta-se no texto por meio de imagens poéticas de objectos como o "espelho", o "vidro" e a "lente". Utensílios que reflectem a luz e permitem enxergar o mundo por meio da imagem virtual formada. Penso essa ideia como um acto metalinguístico do poeta, que discursa sobre a imagem através de imagens poéticas concretizadas nos objectos referidos. A arte poética torna-se o espelho do que o poeta fala sobre o próprio gesto de ver.

A imagem na poesia

Quando a imagem e o olhar permeiam todos os sentidos sugeridos pela travessia das palavras, como um feixe de luz atravessa uma superfície, relação que ultrapassa a significação e atinge o imaginário do texto, é porque a imagem dos versos nas páginas é uma fotografia: escrita da luz, no sentido etimológico da palavra e pensar a imagem e os caminhos da luz atinge a arte poética e sua organização

A MITOPOESIA NA ESCRITA ATRAVESSADA DE IMAGENS

Há sinais misteriosos na poesia de Ruy Duarte de Carvalho

De volta à releitura da vasta obra do poeta, antropólogo e cineasta angolano Ruy Duarte de Carvalho, na nossa revisitação de hoje, optaremos pela breve análise do livro "Sinais misteriosos... Já se vê...", porque é neste que a questão do olhar mítico se ressignifica

formal na página. Esse exercício que está permanentemente na poética de Ruy Duarte de Carvalho, por exemplo, quando usa a grafia da palavra "trans(fe/pa)rências", ao mesmo tempo em que joga com a transparência, o nu diante dos olhos, também visa aquilo que é transferido de um plano para outro, que se relaciona com o plano real e o plano virtual ou o plano da linguagem e o plano da imagem. O desenho dos parênteses remete à figura oval do espelho, a quebra das linhas se relaciona à imagem dos raios luminosos que se quebram ou se refractam ao reflectirem nos espelhos ou em outros objectos. Os versos surgem recortados, organizados e compostos por um verso longo e um verso pequeno deslocado à margem direita: Os olhos do leitor realizam então um movimento de zigue-zague quando percorrem a página. As imagens dos versos são espelhadas uma pelas outras. Por um

momento, é possível ver o caminho das palavras no papel - fragmentos de luz a saltar do espelho - e esquecer, talvez, a significação gramatical da língua.

O mito na poesia

A ideia de desvelamento por sinais misteriosos permite que se perceba a particularidade da palavra de origem da tradição oral. Assim, o movimento mitopoético é a potência e a razão de ser da tradição oral. Perpassado por uma linguagem simbólico-representativa, detida pelos anciãos e, sobretudo, uma praxis da acção organizadora e transformadora da comunidade, a significância da tradição oral, a qual se oculta e se mostra ao mesmo tempo, é como um corpo caligrafado que seduz permite um encontro com as estruturas de pensamento. A fim de apreender a configuração do mito como saber e arte, as palavras de origem da tradição oral, quando trazidas pelos con-

tornos do labor lírico, como a que Ruy Duarte de Carvalho ornamenta, se transformam em palavras tocadas pelo labor estético. São palavras-potências que se alimentam do vigor inscrito na relação entre a alma e o corpo, o homem e a mulher, o bem e o mal, fazem jus, em suma, ao julgamento e à consciência moral da mitopoética:

"Habitar um continente, habitar um chão, é não possuir o próprio corpo para além da posse que se tem do próprio destino quando se vive colectivamente. Nessa comunhão, a transumância quotidiana é o próprio mito de um povo, actualizado no rito do deslocamento espacial, da colecta de frutos e da companhia do gado[...]" - Ruy Duarte de Carvalho.

No seu livro "Sinais misteriosos... Já se vê...", Ruy Duarte de Carvalho afina e refina: "Encontrarás sinais pelo caminho...". Grafado em itálico pelo próprio poeta, a fim de nomeá-la, na obra,

as imagens poéticas dos objectos como espelho, lente e vidro são encontradas e sugerem uma gramática da luz e do olhar. Aberta pelo sujeito-poético com um verso marcado pelo uso do sinal de travessão, o gesto textual atribui a essa voz um carácter de fala. O eu do poema narra o caminho (paisagem) que olha e percorre ao mesmo tempo. Um espaço que é atravessado física e poeticamente. Ao leitor, é então, atribuída a tarefa de ler e compreender os sentidos das palavras. Todavia, um esforço maior é necessário: é preciso ver o poema. Há uma vibrante palpação que primazia o enredo e sequências de plano ágeis e (i)lineares. O texto é organizado de forma a parecer um diálogo entre o sujeito-poético e o interlocutor. Essa organização sugere a existência de dois personagens presentes: o poeta e o ferreiro, o que adquire uma dimensão narrativa, aproximando-se da estrutura dos

diálogos cinematográficos, como o próprio Ruy Duarte de Carvalho diz:

"Estou sim a atribuir a mito os contornos de uma noção primordial e segura de modo e sistema de conhecimento, de um corpus de referências que funciona para o universo da racionalidade analógica como os corpus científicos funcionam para o universo da racionalidade experimental moderna. E partindo do princípio que tanto a expressão artística como a expressão poética pertencem sempre, e não podem deixar de pertencer, aos domínios do procedimento simbólico e, mais além, analógico, estou a aventurar-me numa metáfora antropológica segundo a qual sugiro de que forma me parece que a poesia no mundo moderno de hoje responde a uma função assumida pelo mito em sociedades de outro tipo, não tão distantes como isso, algumas bem presentes e fazendo parte, nomeadamente, do presente angolano." (Carvalho. A câmara, a escrita e a coisa dita..., 1997, p.112.)

Conclusão

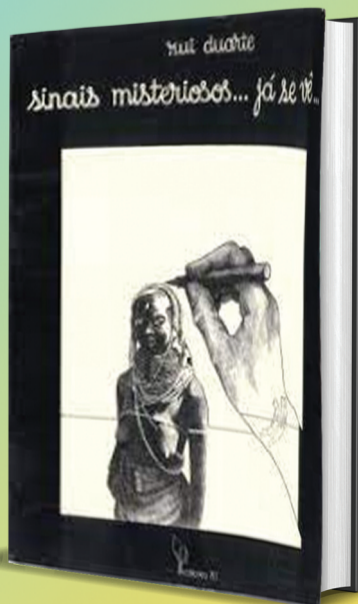
Como se pode perceber, a narrativa mítica e as artes em geral são discursos sobre determinados, que fogem à lógica estrutural do discurso referencial. Penso que essa arte poética, concretiza a questão do desvelamento por meio da palavra "mito", acto de ver, de desvelar e de enxergar por sinais misteriosos, e também, um acto de conhecer a si próprio e ao mundo e o que é a estrutura fundamental do mito. Conhecer e saber pelo mito é apreender o real que cerca o sujeito, ao desvelar os mistérios por meio do discurso mitopoético.

A um exercício de escrita enveredado pela visão, olhar e desvelamento, é a um leitor instado sobre aviso à navegação, que essa poesia, pede, desde logo, um olhar depurado sobre os versos, a fim de apreender os significados. Como uma escrita atravessada por imagens, inscrever-se sobre ela, exige debruçar os olhos às páginas desveladas de sinais misteriosos, vibrantes e finas camadas de tecidos que são retiradas a cada novo encontro com o texto, até que a palavra permaneça nua e radiante - luz à vista.

*Poeta e ensaísta



Ruy Duarte de Carvalho



EDIÇÕES NOVEMBRO